ANÁLISE

Biosfera sem reserva

FLÁVIO GUT

Existe um site (local) dentro da Internet de um grupo que fala exclusivamente do florestas úmidas. Florestas úmidas são as mais ameaçadas do planeta, as chamadas rainforest. Há muito anos, grupos como o SOS Mata Atlântica lutam pela defesa dessas áreas que são devastadas a um ritmo de vários campos de futebol por dia. São áreas especiais. O Brasil tinha sua costa e boa parte de seu planalto recobertos por essa floresta densa e rica quando foi descoberto. Hoje resta menos de 5% disso. E, mesmo assim, 5% ameaçadíssimos.

Jundiá tem o privilégio de estar localizada próxima da Serra do Japi, uma área de Mata Atlântica sob solo de quartzito (pedrinhas e pedronas de cristal). Esse material é muito usado para fazer aquelas pedras que vão no asfalto das ruas, que o povo costuma chamar de cascalho. A Serra do Japi foi tombada em 1983 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico (Condephaat) justamente por ser uma área frágil e por estar sofrendo com a especulação imobiliária (existe até hoje um loteamento completamente irregular no alto da serra, com entrada pela Ermida).

Há dois anos, depois de um imenso trabalho de grupos como o SOS Mata Atlântica, a Mata Atlântica brasileira ganhou o status de reserva de biosfera, uma chancela da Unesco para áreas de extrema importância e risco do planeta. Ela é protegida também pelo Decreto 750, que hoje o atual governo federal tenta derrubar. E neste local (quem conhece há tantos anos como eu sabe do que estou falando) que funciona a mineradora da Fazenda Japi. Através de técnicas sofisticadas, a cascalheira extrai a matéria prima para colocar nas ruas antes do asfalto e também para produzir produtos como lixas e outros abrasivos.

Um dos ramos da tradicional família Storani tem concessão de lavra no local (são proprietários da fazenda). Durante o governo Walmor Barbosa Martins, no entanto, foram impedidos de continuar a extração. Desde o início do governo André Benassi voltaram à carga total. Em pouco mais de dois anos produziram uma imensa cratera, parece Serra Pelada. Já retiraram caminhões e caminhões de cascalho e destruíram um morro inteiro. Já dá pra ver o estrado da cidade, ali de perto do cemitério Parque dos Ipês, por exemplo.

A serra está extremamente seca e já sofreu um pavoroso incêndio no ano passado. Continua a ser destruída pela cascalheira, com permissão oficial. Essa é a contribuição do atual governo municipal para a preservação do meio ambiente. A julgar pela declarações do secretário de Planejamento, Sérgio Del Porto Santos, manchete desta edição, a Serra deve estar feliz com a Câmara Municipal que impediu a criação de uma Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Critiquei os vereadores aqui neste mesmo espaço e faço, agora, publicamente, meu mea culpa. É lamentável, mas uma área tão bonita do planeta merecia um tratamento melhor.

Contatos pela Internet ou informações sobre o Japi e outras rainforest pelo jjundiá@sol.uniemp.br